

BAIXAS MILITARES UCRANIANAS SÃO UM GRANDE PROBLEMA PARA JOE BIDEN

Por Stephen Bryen*



Cemitério ucraniano de mortos na guerra. Estimativas indicam mais de 100 mil baixas ucranianas (Twitter via Asia Times).

A Ucrânia provavelmente perdeu 100.000 soldados que não serão prontamente substituídos, ao mesmo tempo em que as entregas de armas dos EUA estão esgotando estoques e expondo brechas de segurança na Ásia.

Em uma declaração chocante que depois foi retirada, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, escreveu que a Ucrânia perdeu 100.000 soldados e 20.000 civis na guerra da Ucrânia.

Isso está de acordo com os comentários feitos pelo chefe do Estado-Maior Conjunto dos EUA, general Mark Milley, que em um discurso em uma conferência organizada pelo Clube Econômico de Nova York disse que mais de 100.000 soldados russos foram mortos ou feridos na guerra e que o número de tropas baixas é provavelmente o “mesmo” para o exército da Ucrânia.

As pesadas baixas da Ucrânia são um sinal de que a guerra *de facto* de Washington com a Rússia está com problemas. O presidente Joe Biden precisa mudar de direção ou enfrentar uma crise de segurança nacional que pode acabar com sua presidência.

Pode parecer que a Ucrânia está ganhando. A verdade é o oposto porque a Ucrânia está ficando sem mão de obra que não pode substituir. Está perdendo por atrito

no campo de batalha e, com os russos destruindo sistematicamente sua infraestrutura, milhões de ucranianos fugiram para o exterior. É improvável que o país consiga se recuperar mesmo que a guerra terminasse amanhã.

Enquanto isso, os problemas de mão de obra da Rússia são menos graves. Moscou tem reabastecido seu suprimento de tropas de linha de frente por meio de um programa de recrutamento impopular, que agora foi estendido aos territórios ocupados na Ucrânia.

O exército substituto da Rússia, o Grupo Wagner, também aumentou significativamente de 8.000 em abril passado para quase 40.000 hoje. Muitos combatentes do Grupo Wagner foram recrutados nas prisões russas e alguns foram trazidos de outros países, especialmente do Oriente Médio e da África. Os ucranianos estimam o número de vítimas do Grupo Wagner entre 800 e 1.000; outros os colocam em 3.000.

Entre as informações mais impressionantes que surgiram recentemente, relatórios na Polônia dizem que cerca de 1.200 “voluntários” poloneses foram mortos na Ucrânia. Estes parecem ter sido retirados do exército terrestre ativo da Polônia, que consiste em três divisões principais.

O exército polonês é composto por 61.200 soldados e pessoal de apoio. É improvável que a Polónia comprometa muito mais tropas, devido às altas baixas e ao risco de a Rússia atacar a Polónia em retaliação.

A estimativa mais recente da força de combate do exército terrestre da Ucrânia é de 198.000 soldados. Dadas as taxas de baixas alarmantemente altas, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, enfrentará uma crise genuína se a guerra se prolongar por muito mais tempo.

A Rússia recentemente se concentrou em destruir a infraestrutura crítica da Ucrânia e os postos de comando ucranianos, e igualmente em liquidar, na medida do possível, as armas de alto valor da Ucrânia, particularmente sistemas de foguetes de precisão como HIMARS, unidades de defesa aérea e artilharia ucraniana.

As baixas no campo de batalha do lado ucraniano parecem ser em grande parte o resultado da artilharia pesada russa que está sendo coordenada por drones russos, a maioria deles variantes do Orlan-10. A Rússia também fez progressos ao melhorar seu comando, controle e liderança no campo. Os russos recuaram estrategicamente de Kherson para preservar a mão de obra e organizar melhores posições defensivas.

A maior parte dos combates pesados agora parece estar ocorrendo em torno de Bakhmut, onde as tropas russas e locais parecem estar fazendo um progresso lento, mas constante. Essa batalha está consumindo as reservas ucranianas e custou à Ucrânia grandes quantidades de munição que não podem ser prontamente substituídas.

Os europeus deixaram claro que seus recursos diminuiram a um nível crítico e que continuar abastecendo a Ucrânia pode não ser possível. Os EUA também estão encarando um armário vazio, especialmente em relação a importantes sistemas de alta tecnologia, como o HIMARS, armas antitanque como o Javelin e MANPADS, incluindo o Stinger.

Os EUA também estão com falta de munição convencional, incluindo projéteis de 155 mm. Pior ainda, o esvaziamento de estoques de guerra vitais atrasou as entregas de suprimentos para Taiwan e criou oportunidades de vácuo para a China, caso decidisse atacar Taiwan.

Taiwan não está recebendo HIMARS, nem artilharia de longo alcance, nem mesmo jatos F-16V, cuja fabricação foi estranhamente atrasada por alguns anos. Em um exercício recente no Japão, os fuzileiros navais dos EUA levaram um HIMARS, mas não o dispararam devido à escassez de foguetes.

Em algum momento, o Congresso americano pode começar a fazer perguntas, como por que o governo arriscou a segurança dos EUA pela Ucrânia. Está bastante claro que o Congresso dos EUA não pode continuar votando por bilhões de dólares em armas para a Ucrânia quando os próprios EUA carecem de armas e não podem apoiar seus interesses vitais em outros lugares.

O resultado final na Ucrânia é que Zelensky pode ser incapaz de sustentar e reabastecer seus materiais de guerra ou compensar suas tropas perdidas. Embora o governo ucraniano tenha censurado ativamente as informações de guerra (o que não é nada surpreendente; von der Leyen é a última vítima), está claro que o laço está apertando.

Enquanto isso, a degradação da infraestrutura crítica da Ucrânia pode alimentar um êxodo ainda maior do país, já que as pessoas buscam calor e abrigo e os jovens também evitam o recrutamento.

A Rússia, como já se sabe, também tem sérios problemas tanto no recrutamento e treinamento de soldados quanto na capacidade de substituir armas. Mas a Rússia também tem enormes estoques de guerra que adquiriu antes da queda da União Soviética, e agora está trazendo alguns deles para a guerra na Ucrânia.

É extremamente difícil julgar o poder de permanência da Rússia, já que se opor à guerra ou criticar o exército pode levar os que falam abertamente à prisão. Mesmo assim, ainda não parece haver um movimento antiguerra interno com credibilidade suficiente para levar os líderes russos a recuar. A Rússia permanecerá na guerra durante o inverno e talvez por mais tempo, conjecturando que pode fraturar a OTAN e humilhar os Estados Unidos – que é o verdadeiro objetivo da Rússia agora.

Em Washington, o presidente Biden se beneficia, pelo menos por enquanto, de mostrar que é um líder forte que pode “combater o bom combate”, embora usando os ucranianos como representantes. Mas à medida que o inverno cai na Europa, com uma crise de energia iminente e sérios problemas financeiros, é difícil para

Biden se sentir confortável correndo o risco de que, em um belo dia, todo o seu empreendimento quebre e queime.

Biden quer concorrer à presidência novamente em 2024 e acha que pode vencer da mesma forma que venceu em 2020. Mas isso pode não acontecer se sua guerra acabar, se a Europa seguir em outra direção ou se problemas reais surgirem na Ásia com foco em Taiwan ou mesmo na Coreia.

Biden não pode sobreviver a uma crise sobre quem perdeu a Europa, quem perdeu Taiwan ou quem perdeu a Coreia. Para ter credibilidade e permanecer no cargo, Biden deve mudar de direção na Ucrânia e na segurança, e logo.

Publicado no [Asia Times](#).

****Stephen Bryen** é especialista em estratégia e tecnologia de segurança. Ocupou altos cargos no Departamento de Defesa dos EUA, no Capitólio e como presidente de uma grande empresa multinacional de defesa e tecnologia. Ele escreve para o Asia Times, American Thinker, o Jewish Policy Center e outros jornais e revistas. Publicou quatro livros sobre assuntos de segurança. Fundou a Administração de Segurança de Tecnologia de Defesa e atuou como Comissário da Comissão de Revisão Econômica e de Segurança EUA-China.*
